



ARGENTINA

Justiça desfere golpe em Milei

» RODRIGO CRAVEIRO

Luis Robayo/AFP



Membros de sindicatos protestam contra decreto de Milei em frente ao Palácio da Justiça, em Buenos Aires, em 27 de dezembro passado

A Câmara de Apelações do Trabalho da Justiça argentina suspendeu, desde o meio-dia de ontem, os efeitos no campo trabalhista do megadecreto de necessidade e urgência (DNU), assinado pelo presidente ultralibertário Javier Milei. A três semanas da paralisação nacional convocada para 24 de janeiro pela Confederación General del Trabajo de la República Argentina (CGT) e 24 dias depois da posse, o governo Milei buscou amortecer o impacto da derrota política e anunciou que apelará da decisão, tomada por três juízes. Os magistrados acataram uma ação movida pela CGT contra o DNU na semana passada. Segundo a imprensa de Buenos Aires, a Casa Rosada incumbiu o procurador do Tesouro, Rodolfo Barra, de apresentar o recurso.

Um dos magistrados, Alejandro Sundera, indagou sobre a "necessidade" e a "urgência" do decreto de Milei, que modifica ou revoga mais de 300 normas. "Não se evidenciaria objetivamente a 'necessidade' em adotar medidas tão numerosas". "O certo, e o juridicamente relevante, é que não haveria (...) razões de 'urgência' para evitar a devida intervenção do Poder Legislativo no que faz a legislação de fundo", argumentou.

De acordo com a agência de notícias *France-Press*, a Justiça anulou a aplicabilidade do capítulo IV do DNU. Entre outras medidas, o texto amplia o período probatório (de testes) dos trabalhadores de três para oito meses, diminui o montante para calcular a compensação de indenizações; reduz as licenças por gravidez, maternidade e paternidade; e limita — até

quase anular — o direito à greve ou outras medidas de força. A suspensão tem caráter provisório e deverá vigorar até que o DNU seja discutido pelo Congresso.

"É uma primeira medida positiva, no sentido de frear a barbaridade do DNU, que passava por cima de outros poderes, como a própria Justiça e o Congresso. Mas é preciso golpear o DNU e, sobretudo, reforçar a ideia da paralisação nacional promovida pela CGT e atacar as leis antitribalistas e antidemocráticas", afirmou ao *Correio*, por telefone, Eduardo Belliboni, líder do Polo Obrero e responsável pela organização de piquetes em Buenos

Aires. Ele também defendeu que os trabalhadores reclamem o aumento do salário mínimo no país.

Belliboni vê a suspensão da reforma trabalhista como uma clara derrota da estratégia de Milei. "O presidente pretendia, a partir do recesso do Judiciário, que começou em 1º de janeiro, evitar que os juízes avaliassem as demandas apresentadas contra o DNU. Vários juízes começaram a intervir. Vamos seguir impulsionando para que a medida seja derrotada tanto no Parlamento quanto nos tribunais", disse. O líder sindicalista promete manter as mobilizações de rua. "Seguiremos

impulsionando, fortemente, a paralisação nacional contra o decreto e contra a política de congelamento salarial, em 24 de janeiro, enquanto a inflação supera os 60% mensalmente", acrescentou.

"Essa decisão da Justiça desfere um golpe quase de nocaute no megadecreto do presidente Milei. Embora suspenda todas as medidas exclusivamente relacionadas ao capítulo do mundo laboral, na realidade, o resto do texto seguirá o mesmo caminho", disse ao *Correio* Rodolfo Aguiar, secretário-geral da Asociación Trabajadores del Estado (ATE). Ele ressaltou que o DNU de Milei é "inconstitucional".

"Não ficaram provadas a necessidade nem a urgência para prejudicar o funcionamento do Congresso. O governo falha na tentativa de apagar com um golpe de caneta as conquistas do movimento operário, que até tirou o sangue das nossas gerações anteriores."

Miguel De Luca, professor de ciência política da Universidad de Buenos Aires (UBA), considera "bastante previsível" a decisão da Justiça trabalhista de suspender o DNU. Segundo ele, por um lado, trata-se de uma área da Justiça inclinada aos direitos dos trabalhadores; mas, por outro, admite que a reforma de Milei foi

Eu acho...

Reprodução



"O governo de Javier Milei sofreu uma derrota e isso terá um impacto para o presidente. Ele pensava que a aprovação da reforma trabalhista seria um 'passo' e que não haveria nenhuma oposição às medidas. Mas há vozes contrárias na Justiça, no Legislativo e nas ruas."

Eduardo Belliboni, líder do Polo Obrero e responsável pela organização de piquetes em Buenos Aires

Arquivo pessoal



"Nós, da Asociación Trabajadores del Estado (ATE), ratificamos a jornada nacional da luta de 15 de janeiro. Isso porque não basta esse freio parcial ao autoritarismo do governo. Enfrentamos o programa econômico da última ditadura militar genocida. Somente as ruas nos permitirão detê-lo."

Rodolfo Aguiar, secretário-geral da Asociación Trabajadores del Estado (ATE)

muito regressiva, "sem compensações nem conversas prévias com os sindicatos, além de pouco consistente". "Esse é um revés importante para Milei. Espera-se que outros magistrados aceitem novas liminares e que tudo caia em litígio judicial por um bom tempo", disse à reportagem.

Presos suspeitos de planejar ato terrorista

Três pessoas foram presas, no fim de dezembro, em uma operação que "neutralizou a chegada de uma possível célula terrorista" à Argentina, anunciou o Ministério da Segurança, ao mesmo tempo em que Buenos Aires recebe um importante evento esportivo para a comunidade judaica. A pasta revelou que os suspeitos eram "três cidadãos de origem síria e libanesa (...) Um deles possuía passaportes da Venezuela e

da Colômbia em seu nome".

"Estávamos muito atentos nestes dias pelos Jogos Macabeus", disse a ministra da Segurança, Patricia Bullrich, em referência ao evento esportivo panamericano que reúne cerca de 4 mil atletas judeus e encerra hoje, em Buenos Aires.

Bullrich disse que havia obtido informação da Inteligência dos Estados Unidos e de Israel, somada à gendarmaria (força da polícia)

local formada em antiterrorismo por parte de seus pares da Colômbia, segundo a qual três pessoas entrariam no país por diversos aeroportos. Um deles foi preso em um aeroporto, o outro em Buenos Aires e o terceiro em Avellaneda, na periferia da cidade. O trio ficaria hospedado a apenas duas quadras da Embaixada de Israel. "Veremos se é efetivamente uma célula que vinha à Argentina ou se tem outra conotação."

O presidente Javier Milei aproximou-se, há alguns anos, da comunidade judaica, apesar de pertencer a uma família católica. O país abriga a maior comunidade judaica da América Latina. No fim de novembro, depois de sua vitória no segundo turno presidencial, Milei visitou, em Nova York, o "El Ohel", um local sagrado onde repousam os restos mortais do último grã-líder do movimento ortodoxo

Lubavitch, o rabino Menachem Mendl Schneerson.

No passado, a Argentina foi alvo de dois graves atentados contra a comunidade judaica. Em 1992, a embaixada israelense sofreu um atentado à bomba que causou 29 mortos e deixou 200 feridos. Dois anos depois, outro atentado, contra a Associação Mutual Israelita Argentina (Amia), matou 85 pessoas e feriu 300.

A ministra Bullrich revelou

que um dos motivos que acendeu o sinal de alerta das autoridades antes das prisões em 30 de dezembro foi que os três suspeitos tinham reservado quartos de hotel perto da representação diplomática israelense. Os três eram os supostos destinatários de um pacote vindo do Iêmen, um "pacote de 35kg", segundo o ministro, mas sobre o qual Bullrich não deu mais detalhes.

ORIENTE MÉDIO

Ataques no Irã e no Líbano elevam tensão regional

Cerca de 24 horas depois do atentado que matou o vice-líder do Hamas, Saleh al Aruri, em Beirute, uma dupla explosão deixou 95 mortos e 211 feridos, em Kerman (sul do Irã), e ampliou os temores de uma expansão regional do conflito entre Israel e o grupo fundamentalista palestino. O atentado de ontem ocorreu a 700m do túmulo do general Qasem Soleimani, um dos líderes da Guarda Revolucionária, assassinado por um drone norte-americano em 2020.

As bombas explodiram em meio à multidão que homenageava o oficial, no quarto aniversário de sua morte. As reações de duas das principais lideranças xiitas no Oriente Médio — o aiatolá Ali Khamenei — e o xeque Hassan Nasrallah, chefe do Hezbollah, acenaram para retaliações e advertências a Israel e aos Estados Unidos.

"Esse desastre terá dura resposta para os inimigos maus e criminosos da nação iraniana", advertiu Khamenei, líder supremo do Irã. Soleimani era considerado a segunda figura mais poderosa do regime teocrático islâmico, depois do aiatolá, e se encarregava das operações no exterior da Guarda Revolucionária, o exército ideológico de Teerã.

Nasrallah fez um alerta a Israel. "Se o inimigo pensa em travar uma guerra contra o Líbano, então a nossa luta será sem teto, sem limites, sem regras. E eles sabem o que quero dizer", ameaçou o líder do movimento xiita iraniano. "Não temos medo da guerra. Nós não tememos isso. Não estamos hesitantes. Se estivéssemos, teríamos parado no front."

Horas após o discurso de Nasrallah, um novo ataque israelense ao Líbano, dessa vez durante um



Socorristas atendem ferido após dupla explosão, em Kerman, sul do Irã

bombardeio a um prédio em Naqoura (sul), matou Hossein Yazbek, um dos líderes do Hezbollah responsáveis pela região. Outros

três militantes do movimento — Abraham Pahtz, Hossein Ghazala e Hadi Rada — também foram eliminados na operação.

Mohammad Jamshidi, alto assessor do presidente iraniano, Ebrahim Raisi, culpou Israel e EUA pela dupla explosão em Kerman. "Washington diz que os Estados Unidos e Israel não tiveram nada a ver com o atentado terrorista em Kerman, Irã. De verdade? (...) Não se enganem. A responsabilidade por esse crime recai nos regimes americano e sionista, e o terrorismo é só uma ferramenta", escreveu Mohammad Jamshidi na rede social X, antigo Twitter. Um alto funcionário do governo Joe Biden atribuiu a provável culpa ao Estado Islâmico (EI). "Parece um ataque terrorista, o tipo de coisas que o ISIS (acrônimo do EI) fez no passado, e essa é a nossa suposição em curso neste momento", disse à imprensa, sob a condição de anonimato.

Em relação ao assassinato de Saleh Al Aruri, em um subúrbio do sul de Beirute, na terça-feira,

um funcionário de Defesa dos EUA confirmou que Israel cometeu o ataque. Al Aruri foi a personalidade de mais alto escalão do Hamas morta durante a guerra entre Israel e o grupo extremista, em 7 de outubro. "Foi um ataque israelense", disse. O porta-voz do Exército israelense, Daniel Hagari, disse que suas forças estão preparadas "para qualquer cenário" posterior.

Genocídio

Os EUA criticaram a África do Sul por apresentar queixa contra Israel ao Tribunal Penal Internacional (TPI), motivada pela ação em Gaza. O TPI fará audiências, na próxima semana, sobre uma ação movida pelo governo sul-africano, em que menciona "atos genocidas". "Não vimos atos que constituam genocídio", disse um porta-voz do Departamento de Estado.